

TEMPO EM SÃO PAULO

Bom, com névoa seca.
Temperatura estável. Pág. 27

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891 - 1927)

JULIO DE MESQUITA FILHO (1927 - 1969)

FRANCISCO MESQUITA (1927 - 1969)

H2 R 00313

Capital e Interior de S. Paulo — Cz\$ 15,00

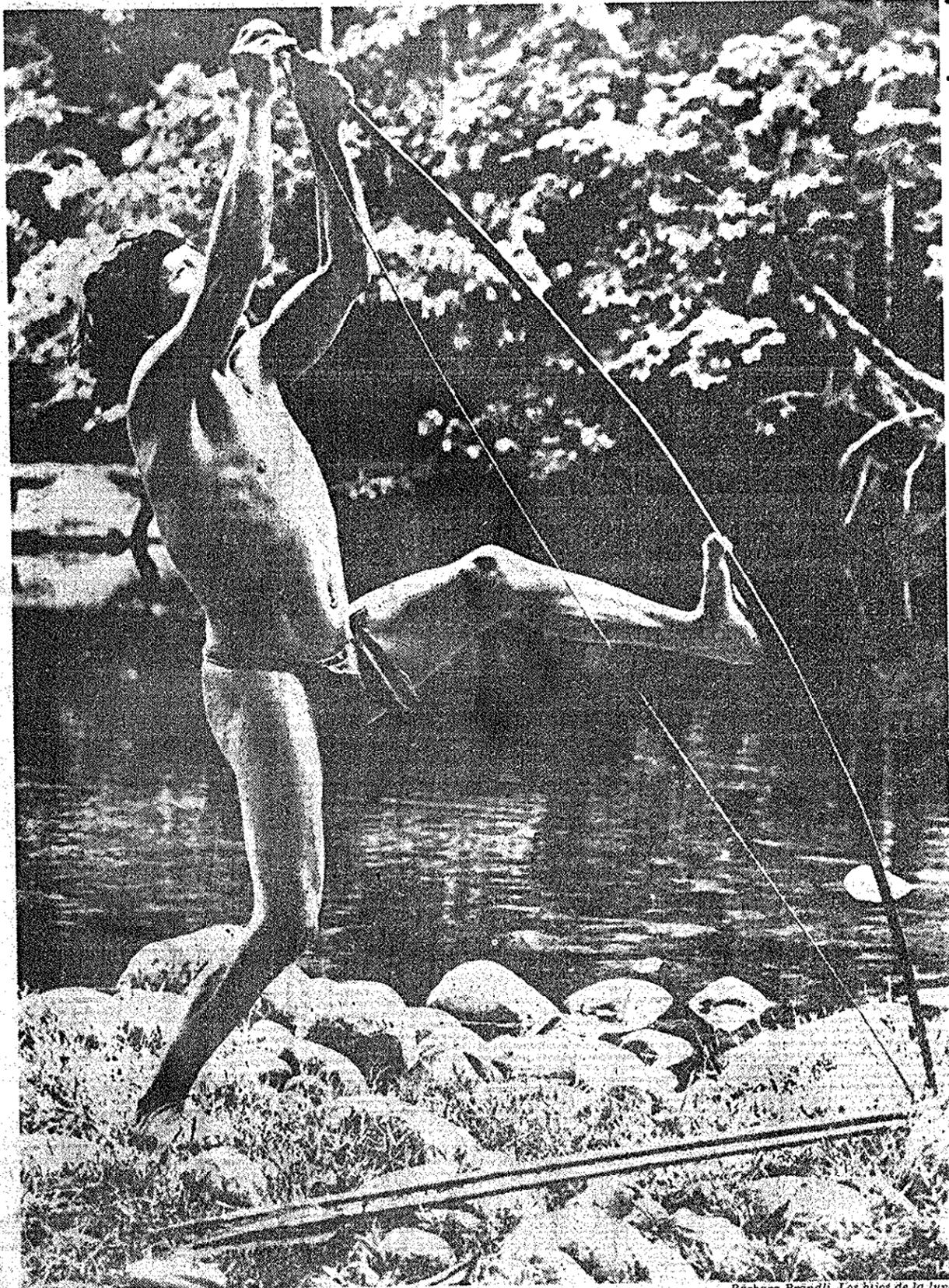
ANO 108

DOMINGO, 30 DE AGOSTO DE 1987

Nº 34.511

Domingo Cz\$ 20,00

Assinatura DEZ/87: Cz\$ 1.640,00



Barbara Brandt. Los hijos de la luna

Na busca do ouro, índio é só pretexto

JOSÉ NÉUMANNE PINTO
Enviado especial

CARACAS — A defesa das populações indígenas da Amazônia, usada pelo Cimi — Conselho Indigenista Missionário — no Brasil para tentar proibir, na Constituição, a extração mineral em territórios ocupados por tribos, foi o recurso utilizado também há quatro anos na Venezuela. “Nesse argumento, os ín-

dios são apenas uma capa, um pretexto”, denuncia o antropólogo Daniel de Barandiaran, autor de um livro sobre os ianomânis, indígenas que moram no Brasil e na Venezuela. Segundo ele, o verdadeiro interesse é pela existência, nas áreas em questão, de recursos minerais que não podem ser desprezados por países pobres como Brasil e Venezuela. Baran-

diaran, que viveu nove anos na selva amazônica venezuelana, acredita que tais propostas venham de países que têm um conceito anglo-saxônico de relações inter-raciais, eminentemente isolacionista, contrário ao conceito latino-americano, integracionista. Segundo Barandiaran, a exacerbação da ecologia é o suicídio para um Estado moderno. Pág. 4

O índio precisa integrar-se à sociedade nacional. Mas com amor

“Na caça aos minérios, índio é capa”

JOSÉ NEUMANNE PINTO
Enviado especial

CARACAS — O que o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) está tentando fazer prevalecer no Brasil — a proibição de extração mineral em áreas de reservas indígenas — também já foi reivindicado na Venezuela, há quatro anos, e rechaçado. Um dos funcionários do governo venezuelano envolvido no processo de discussão do tema da soberania restrita e da aceitação do status de nação para as 30 tribos indígenas localizadas em seu território, o antropólogo Daniel de Barandiaran, denuncia que o interesse está nas reservas minerais, os índios são apenas uma “capa”, um pre-



O problema do índio na Venezuela — I

texto. Um dos mais respeitados especialistas venezuelanos em questões de fronteiras, este antropólogo, que viveu nove anos entre os índios amazônicos na Ve-

nezuela, vestindo-se como eles e comendo sua comida, disse sentir-se humilhado pelo fato de seu país ter 30% do território reservado para a proteção da ecologia e das populações indígenas. De acordo com o autor de *Os Filhos da Lua*, um livro sobre os ianomânis, a exacerbação da ecologia é suicida num Estado moderno. Na sua opinião, o conceito da plurinacionalidade, reivindicado pelo Cimi em sua emenda popular encaminhada à Constituinte brasileira, obedece aos critérios anglosaxões de relações interraciais, que são isolacionistas, enquanto a tradição latino-americana é francamente integracionista.

Integração sim, isolamento não

O antropólogo Daniel de Barandiaran — um dos mais respeitados especialistas venezuelanos em questões indígenas — denuncia que a ação desenvolvida neste momento pelo Cimi, para evitar a exploração mineral em reservas indígenas no Brasil, já foi tentada na Venezuela. Além disso, o cientista, que também é funcionário do Departamento de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores da Venezuela, lembra que, na área em que o Conselho Indigenista Missionário age, comum ao Brasil e à Venezuela, se supõe que haja uma “mina-mãe” de todo o ouro de aluvião encontrável na Bacia do Amazonas. “E, associados à cassiterita, pode haver minérios estratégicos como urânio”, completa.

“Como venezuelano, sinto-me até humilhado em confessar a um jornalista brasileiro que a Venezuela já tem 30% de seu território reservado pelo governo para proteger a ecologia e as populações indígenas. Nenhum desses países da América do Norte ou da Europa tem mais de 9% de seus territórios reservados. O Brasil é o país da América Latina que, depois da Venezuela, mais tem reservas. E as reservas do Brasil não passam de 14%, que em já constroem um índice bastante alto. Este é um obstáculo muito sério ao desenvolvimento e favorece um tipo de isolacionismo muito nocivo a países como os nossos. Imagine se o Brasil tivesse ficado apenas na costa, sem atravessar a linha das Tordesilhas. Certamente o Brasil não seria o grande país que é, como os Estados Unidos não seriam a potência que são sem a conquista do Oeste. É essencial ao homem buscar aventura, desenvolver-se, criar um mundo novo. Estes são os grandes chamados de países como Canadá e Austrália e disso aqui também precisamos. Afinal, em regiões como a Amazônia, ainda não se pode falar em geografia humana, pois o homem está distribuído ali como se fosse um animal”, comenta o pesquisador.

Integração

Daniel de Barandiaran não fala como um leigo nem como um amador. Antes, pelo contrário. Este basco francês, que veio da Europa para uma expedição às vertentes do Orinoco, que duraria três meses, está há 39 anos na Venezuela, fala espanhol como se fosse caraqueño e é consultado sobre qualquer assunto que diga respeito às fronteiras, principalmente o que se refira à Amazônia. Antes de ir para o vale de Caracas, Daniel viveu entre os piaroas, vestindo-se como eles, comendo com eles e estudando sua cultura de perto. A antropologia de Barandiaran não é de gabinete, mas de campo, de prática.

E foi nesta condição de antropólogo de campo que Barandiaran recebeu *O Estado* em seu gabinete na Casa Amarela (sede da chancelaria venezuelana), para comentar as tentativas do Cimi de evitar a mineração em áreas reservadas às nações indígenas. Para ele, o Cimi apenas repete e traduz a visão anglosaxã das culturas indígenas e da integração racial, trazendo completamente a tradição latino-americana. Em resumo, Barandiaran acha que o comportamento anglo-saxão em relação ao contato inter-racial é isolacionista, enquanto a tradição latino-americana é integracionista.

“Resta-nos buscar uma simbiose entre essas duas visões. Para isso, será necessário haver um diálogo entre os radicais e os moderados, desde que, de ambos os lados, haja gente disposta a discutir com seriedade e não repetir doutrinas. Então se poderá encontrar uma via comum às duas visões, que amenize os defeitos de ambas e lhes reforce as virtudes. A tradição integracionista latino-americana não tem raízes históricas suaves, reconheço. Foi na base da cruz e da espada. Os portugueses e espanhóis desembarcaram na América afirmando: ‘A verdade é minha, quem não concordar com ela será meu escravo ou morrerá’. Isso, evidentemente, provocou muito sofrimento, muita morte. A integração unívoca, feita num só sentido, não pode ser considerada a ideal. Mas o

fato é que, bem ou mal, esse tipo de relação inter-racial criou uma tradição integracionista latino-americana, que não tem nada que ver com o conceito isolacionista de minorias étnicas, tal como expressa o anglosaxão”, opina Barandiaran.

Isolamento

O antropólogo, que trabalhou durante nove anos na selva e hoje vive num subúrbio de Caracas, acredita que é possível a integração com amor, diálogo, respeito e intercunicação de culturas, e não à ponta de espada ou à força da cruz, como fizeram os colonizadores portugueses e espanhóis. O autor do livro *Os Filhos da Lua* sobre os ianomânis, acha que a ida e volta de teses como os conceitos do Cimi no Brasil sobre a plurinacionalidade da República brasileira são crises naturais de crescimento, que ele chama de crises cardíacas (“sístoles e diástoles”) de identidade. “Estamos ainda por descobrir o que somos e essas crises poderão nos ajudar nessa tarefa. Por isso, devemos receber essas discussões como bênçãos da História”, ele prega.

De qualquer maneira, o ministro-conselheiro da Casa Amarela faz questão de discutir cientificamente a proposta do Cimi e dos jovens cristãos austríacos à Constituinte brasileira de uma República plurinacional. Em sua opinião, essa proposta é coerente com o conceito anglo-saxão da relação inter-racial, que privilegia o isolamento e não a mistura, usada e consagrada em países como o Brasil e a Venezuela. “O isolamento é o extremo oposto da integração. Os europeus admitem os estados plurinacionais porque eles estão habituados, culturalmente, à formação de microestados e à sua existência dentro de estados maiores. É próprio da cultura anglo-saxônica a existência de mininações autônomas. Mas não creio que seja benéfico tentar adaptar esse tipo de conceito à realidade latino-americana. Porque, em nações como as nossas, esse conceito é nocivo, destruidor da realidade nacional”.

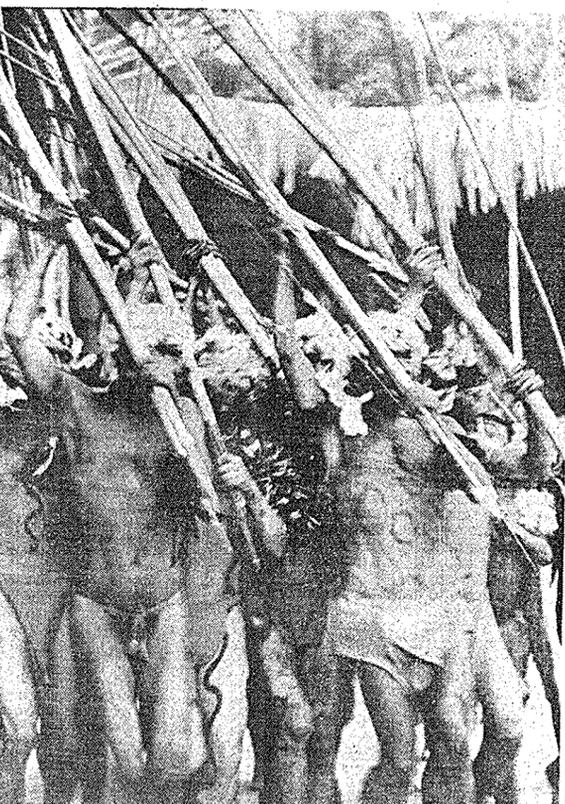
Interior

Daniel de Barandiaran acaba de sair de uma enorme polémica sobre a questão da plurinacionalidade da Venezuela e a polémica durou três anos. Agora, ele vive o que considera

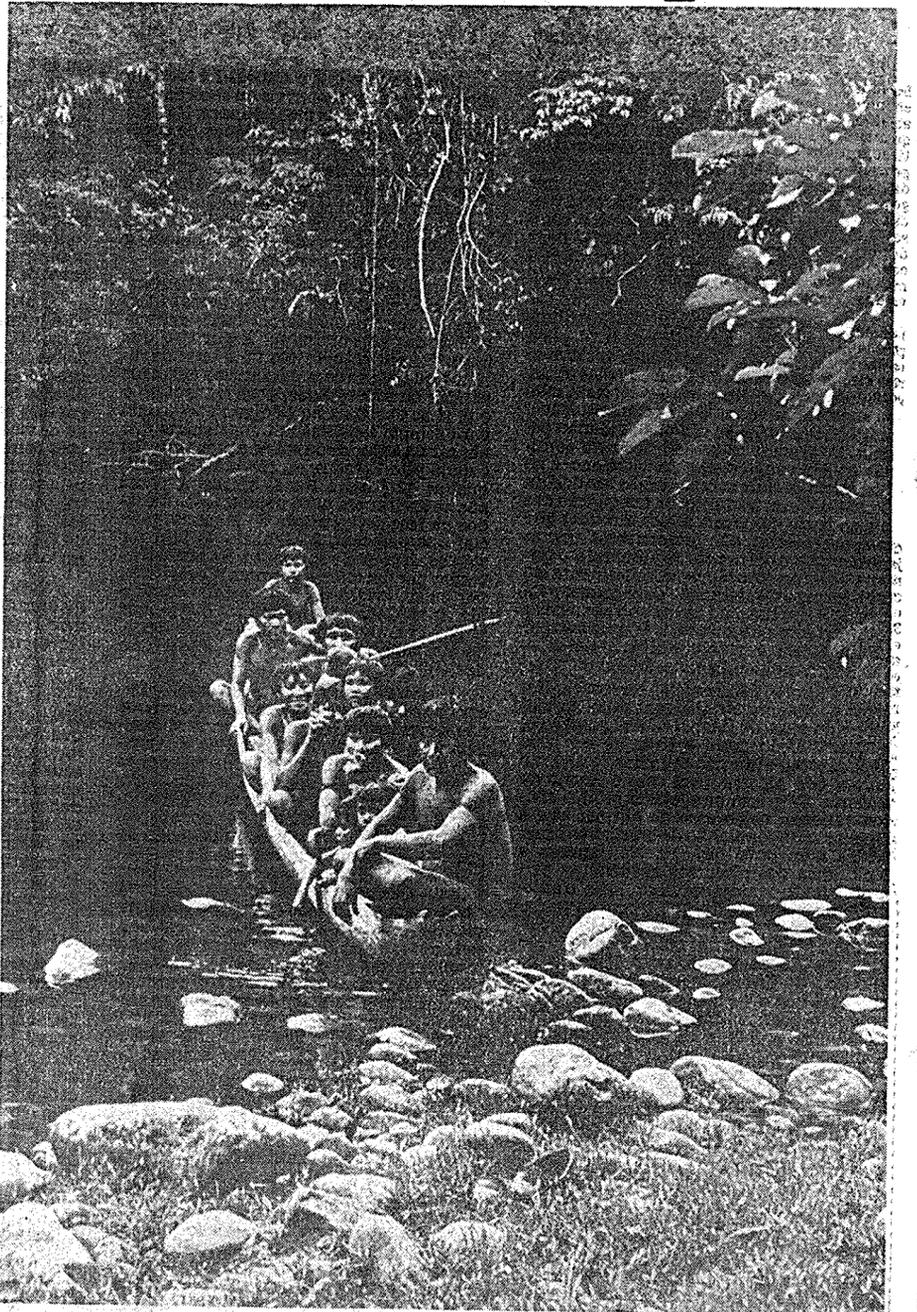
uma trégua, mas está disposto a recomeçar a discutir, até porque a questão voltou, com as mesmas características, no Brasil. E o Brasil divide pelo menos uma tribo importante com a Venezuela, os famosos ianomânis, que são 20 mil — dez mil no Brasil e dez mil no território federal do Amazonas venezuelano. “Basta que morram alguns índios em choques com fazendeiros, que apareça algum padre falando em violação de índias por peões, e logo voltará a questão da autonomia e da soberania das nações indígenas aqui, como se debate no Brasil. O sonho acadêmico dos microestados parece inesgotável. O que é difícil explicar a esses acadêmicos é que um país, como o Brasil ou a Venezuela, tem de buscar sua consciência no Interior, fora das macrocidades. Nós, inclusive, precisamos assumir de uma vez que, se os americanos ensinam inglês em suas missões, é porque nós mesmos não temos tido competência para penetrar no Interior. Evidentemente, não podemos recusar que um grupo pratique filantropia com uma população marginalizada, desde que se submeta à lei do país”, entende ele.

Desenvolvimento

Todo homem, acha Barandiaran, busca mais desenvolvimento, em qualquer cultura, em qualquer geografia, em qualquer religião. Por isso, é um integracionista. Só que ele defende uma integração feita com inteligência e cooperação — racional e cordial — e acredita que o trabalho de estados como o venezuelano e o brasileiro deve ser feito com mais carinho: “Faço sempre a imagem da família. Como os filhos mais indefesos, que precisam de mais proteção, assim os índios devem ser vistos pelo estado. Mas jamais se deve discriminar”. Na Venezuela, eles se distribuem em 30 nações. Os mais numerosos, os guajiros, não são amazônicos, mas andinos, vivem na fronteira com a Colômbia (na verdade, vivem entre a Venezuela e a Colômbia, na península de Guajira) e são 60 mil habitantes do estado de Zúlia, onde se concentra o petróleo venezuelano. Há ainda os guaranis do delta do Orinoco e os ianomânis. As outras tribos têm entre dois mil e seis mil integrantes cada uma. O último livro de Daniel de Barandiaran é sobre uma dessas tribos: *Introdução à Cosmovisão dos Índios Caribes-Maqueritares*.



Os ianomânis são o tema do principal livro de Barandiaran



No lado venezuelano, os ianomânis são 10 mil e habitam um território rico em minérios

“Ecologia demais, um suicídio”

O argumento desenvolvimentista de Barandiaran foi o que mais se usou quando, no governo passado (de Luis Herrera Campins, da democracia-cristã), se discutiu na Venezuela a possibilidade de formação de nações indígenas em seu território amazônico. “Na verdade, tudo o que se discute no Brasil, hoje, parece repetição do que aconteceu aqui. São os mesmos dinamarqueses, ingleses, suecos, franceses e norte-americanos que pleiteiam a plurinacionalização. A diferença é que, aqui, se tratava de ordenamento territorial, não constitucional. Mas a argumentação era muito semelhante”, lembra o antropólogo.

Segundo ele, em 1983, grupos de acadêmicos dos países desenvolvidos tentaram formar territórios de soberania restrita para o governo venezuelano. “No fundo, esses grupos partem de uma ultra-exigência científica, que é sempre a mesma. Nenhum estado moderno, contudo, está equipado para atender a esse tipo de reivindicação, de formação de micro estado dentro do estado. Os ataques aqui, como no Brasil, vêm sempre de duas frentes: a ecológica e a dos direitos humanos das minorias marginalizadas”, ele opina.

Para Barandiaran, “esses grupos de acadêmicos são, na verdade, ultra-istas, ou seja, estão aborrecidos de viver em sociedades excessivamente dependentes do estado e, então, sem conhecer direito a estrutura política e do estado latino-americano, pensam que também aqui vivemos os seus problemas. Eles exacerbam seus problemas existenciais e projetam seu ego diminuído sobre nosso continente, tentando evitar que aconteça aqui, conosco, o que aconteceu com eles, lá. Esses senhores, intelectuais alguns deles, intelectuais de maioria, chegaram a criar uma nova figura científica que chamaram de biosfera. No caso da Venezuela, falaram na biosfera amazônica, como se a Amazônia fosse, para nós, um grande parque e os índios, meros animais de zoológico. Só foi possível ganhar a luta contra esse tipo de argumentação no governo de Jaime Lusinchi, porque o presidente, como o chanceler Simón Alberto Consalvi, tem a visão correta do estado moderno. E é preciso reconhecer de público que o Brasil nos ajudou muito nessa luta, pois legislou sobre as terras ocupadas pelos ianomânis com os mesmos critérios usados por nós no nosso lado da fronteira”.

Minérios

Na verdade, denuncia Barandiaran, há uma coincidência, tanto no lado brasileiro, como no venezuelano, no que se refere à defesa dos territórios de soberania restrita para os índios: a existência de minerais, sejam preciosos, sejam estratégicos, e

também de um potencial hidrelétrico que países pobres, como Brasil e Venezuela, não podem desprezar. “Nessa discussão, os índios são só uma capa”, acredita piamente Barandiaran.

Por sua posição, antropólogos como Barandiaran foram insultados na Venezuela e no Exterior. “Chamaram-nos de Rudiard Kipling dos trópicos. Quiseram com isso confundir nossa posição com a de imperialistas e colonizadores. Não tínhamos outra forma de nos livrar disso senão evitar qualquer argumento emocional, só utilizar argumentação científica. Os ataques partiam de países como a França, a Suécia, a Dinamarca e os Estados Unidos, países que sofreram muito com a destruição ecológica. Então, esses ataques vinham exacerbadamente ecológicos e também com acirrada defesa dos direitos humanos dos indígenas. Essa exacerbação é que leva a destruição do Estado pelo conceito da plurinacionalidade. O problema fundamental da argumentação deles é que em nenhum desses países se aceitaram microestados autônomos na forma como eles pretendiam para nós, latino-americanos”, conta o antropólogo.

Segundo o autor de *Os Filhos da Lua*, os britânicos conhecem bem o problema, seja na África, com os bantus e tanganicas, por exemplo, seja na Ásia, com os indianos. Os espanhóis também entendem do assunto: lá estão bascos e catalães. Nos Estados Unidos, os navajos ocupam 120 mil quilômetros quadrados e são 60 mil pessoas.

“Aliás”, revela Daniel de Barandiaran, “os navajos me proporcionaram o melhor exemplo de como é problemática a questão da reserva indígena. Num encontro desses com cientistas, apresentei um estudo propondo que na reserva navajo se concentrassem os mais altos índices de alcoolismo, suicídio e assassinato dos Estados Unidos. Agora sabe-se que no coração da reserva navajo estão as maiores minas de urânio dos Estados Unidos. Pois bem, ao descobrir que não havia a menor possibilidade de acordo entre os índios e o governo norte-americano para a exploração das reservas, um empresário bandido comprou os índios e tem agora as reservas de urânio mais importantes das mais importantes potências ocidentais. Não há razão para repetirmos esse tipo de experiência negativa aqui. Como não há razão para copiar as reservas indígenas anglosaxônicas da Tasmânia, da Austrália, da Nova Zelândia ou mesmo do Havai. Tal imposição contraria qualquer critério de soberania e de liberdade”.

Miscigenação

Em países onde predomina a miscigenação — caso do Brasil e da

Venezuela —, aceitar o conceito discriminatório imposto pelos anglosaxões seria aceitar a própria destruição, argumentou Daniel de Barandiaran, na grande batalha que travou com os ecologistas e defensores dos índios importados do primeiro mundo.

“Um país moderno não pode deixar a ecologia de lado. Mas um país moderno não pode, também, ignorar seus recursos e potenciais por causa da ecologia ou da presença de índios. Se um Estado moderno permitir que, algo, dentro de seu território, escape à sua autoridade, ele estará se condenando à destruição. A cada reserva que cria, o Estado ata suas próprias mãos e reduz seu campo de ação para utilizar livremente as reservas de que dispõe. Isso é um suicídio. Consideiro humilhante que meu país, a Venezuela, não possa dispor livremente de seus recursos minerais, humanos e hídricos em 30% de seu território. Esse é um obstáculo muito sério ao desenvolvimento” — argumenta.

Na Venezuela, há 120 mil índios (principalmente os andinos, como os guajiros) que já estão com um pé na entidade que Daniel de Barandiaran define como “sociedade majoritária nacional”. Outros 60 mil vivem autonomamente, mas a Constituição venezuelana garante-lhes o direito à integração, sem desrespeito à sua cultura e aos seus costumes. Com a luta travada, na qual seus argumentos serviram de apoio às posições de Jaime Lusinchi, do chanceler Simón Alberto Consalvi e do ministro do Interior, Octávio Lepage, o antropólogo é diplomata amou-se de experiência para garantir que, a cada cidadão ou seis anos, o problema volte a ser discutido em algum país latino-americano. E aquela história da crise de identidade manifestada em sístoles e diástoles, de que ele fala.

“Precisamos amadurecer a integração. Se nossos avós a fizeram mal, temos de fazê-la melhor. Na verdade, assim descobriremos o que é ser latino-americano. Como somos produto da miscigenação de brancos com negros e índios, nunca ficamos fortes, porque, na verdade, não sabemos direito se somos brancos, negros ou índios. Se for necessário explicarmos isso aos acadêmicos europeus e norte-americanos, nós o faremos pacientemente. Mesmo os mais energúmenos terão de escutar e poderão dizer, como me disse uma ecóloga radical, depois de ouvir uma exposição minha de duas horas: ‘Mas eu nunca tinha ouvido isso antes. Na verdade, só não escutam os místicos, os atóxicos. Com esses fundamentalistas não há o que fazer. Simplesmente não há o que fazer. Quanto aos outros, é preciso convencê-los pacientemente de que a integração deve, precisa, ser feita, mas com amor, com muito amor”, conclui Daniel de Barandiaran.

Continua na terça-feira